

O USO DE SI E A ATIVIDADE DE PESQUISA

The use of oneself and the research activity

GOMES JÚNIOR, Admardo Bonifácio¹

RESUMO

Numa atividade de pesquisa do doutorado, abordei o problema da relação entre trabalho e saúde mental a partir das noções ergológica de “uso de si” e psicanalítica de “sintoma”. Na tese, apresentei uma leitura do sintoma como uso de si buscando reconhecer tanto a determinação social dos sintomas (o uso de si pelos outros) quanto a estratégia de ação sobre essa mesma determinação (no uso de si por si, sempre presente). O que defendo na tese é que uma condução clínica da relação entre trabalho e saúde mental, ao mesmo tempo psicanalítica e ergológica, pode se dar pela escuta do uso que cada sujeito faz de si com seu sintoma, o que está em jogo em toda atividade (trabalho). O embaraço que busco, trabalhado neste ensaio, é: no que essa tese retoma, de alguma forma, o encadeamento histórico das atividades realizadas durante minha vida? Como essas atividades me levaram a tal questão de pesquisa e por que caminhos busquei as respostas? É o que tentarei explicitar problematizando a não neutralidade do objeto da pesquisa e o modo como ele se inscreve em um percurso pessoal específico.

Palavras-chave: Uso de si. Sintoma. Ergologia. Psicanálise.

ABSTRACT

A doctoral research activity approached the problem of the relationship between work and mental health from ergological notions of use of oneself and symptom of psychoanalysis. In this thesis I present a reading of the symptom as use of oneself seeking recognize both the social causes of symptoms (the use of oneself by others) as the action strategy on this same determination (in the use of oneself by oneself their ever-present). What I advocate in this thesis is that a clinical course of the relationship between work and mental health at the same psychoanalytic and ergological time, can happen by listening to the use that each individual makes of himself with his symptom, what is at stake in every activity (work). The embarrassment I seek worked in this essay is, in this view takes in some way, the historical chain of activities in my life? As these activities have led me to this research question and why paths sought the answers? This is what I will try to explain not questioning the neutrality of the research object and how it fits on a specific personal journey.

Keywords: Use of oneself. Symptom. Ergology. Psychoanalysis.

¹ Doutor em Educação e em Filosofia / Ergologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pela Aix. Marseille Université. Professor da Faculdade de Políticas Públicas da UEMG. E-mail: <admardo.junior@uol.com.br>.

INTRODUÇÃO

A questão central que trabalhei em minha tese de doutorado (GOMES JÚNIOR, 2013) foi assim formulada: em que um diálogo da abordagem ergológica com a psicanálise sobre o sintoma e o uso de si nas situações sociais de trabalho pode contribuir para a compreensão do nexos causal entre adoecimento mental e trabalho e para a produção de um saber fazer com o sintoma no trabalho? Logo na introdução, afirmo que a proposta de fazer dialogar psicanálise e ergologia sobre o tema do sofrimento no trabalho nasceu de questões que a experiência de trabalho havia me deixado. Os questionamentos e as reflexões são apresentados como oriundos de alguns anos de prática da atividade clínica como psicólogo em uma entidade sindical, assim como da docência em disciplinas como “Psicologia do Trabalho” e “Saúde Mental e Trabalho” (SM&T) em cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu*.

Mas é curioso constatar que há também outras atividades, pregressas, realizadas ao longo da vida, que se encadeiam e que conduzem, não ao acaso, a esta atividade profissional de psicólogo, professor e pesquisador e, além disso, que a questão de pesquisa, constituída a partir da atividade de trabalho, retoma de alguma forma, na origem, o encadeamento das atividades desenvolvidas durante a vida, as questões e as respostas construídas. Tais atividades sempre se referiram a marcas em suportes diversos, escritas tomadas por enigmas, sucessivas pesquisas compondo as experiências. As questões que este ensaio busca desenvolver são: que uso de si esteve em jogo em minha atividade de pesquisa empreendida no doutorado e como essa atividade retoma a dimensão histórica de atividades pregressas? Como ler na atividade de escrita da tese uma busca em saber fazer com o sintoma?

DAS ESCRITAS ENIGMÁTICAS (MARCAS E SUPORTES)

A escrita consiste no registro de marcas em um suporte. Utiliza de sinais ou símbolos para expressar ideias. A escrita musical permite ao intérprete executar o que alguém compôs. Na escrita das fórmulas químicas, os elementos são representados por letras, enquanto os números quantificam esses elementos, que se ligam formando todas as substâncias que existem. Das inscrições do inconsciente, Freud nos ensinou a lê-las nos sonhos, nos atos falhos, nos sintomas, nas fantasias, lapsos, repetições, esquecimentos, etc. É por essa escrita do inconsciente e daquilo que dele se inscreve com a atividade que queremos aqui percorrer.

Bem pequeno, fui levado para cantar para uma plateia de 400 pessoas. Meu pai repetiu anos a fio que queria exibir o filho afinado. Minha reação sempre foi a inibição.

Os primeiros ensaios de letramento foram feitos numa pequena escolinha. Sua proposta era uma educação muito mais musical que propriamente uma iniciação no abecedário e na matemática. Quando entrei para o primeiro ano primário, agora em um grande grupo escolar público, era tomado pela vergonha de não saber ler.

Logo que aprendi a ler, passei a frequentar o quarto de um tio que tinha uma coleção de caixinhas de isopor intituladas “Os Cientistas”. Eram ao todo 50 volumes que foram vendidos nos anos 1970 nas bancas de revistas, uma iniciativa da Editora Abril

em conjunto com a extinta Fundação Brasileira para o Desenvolvimento de Ensino de Ciências (FUNBEC). As tais caixinhas de isopor continham vidros, lâminas, frascos, produtos químicos, balanças, molas, microscópio e uma infinidade de pequenos objetos que permitiam reproduzir verdadeiras experiências científicas no campo da física, da química e da biologia. Aos 11 anos de idade, ganhei desse tio toda a coleção de presente. Aos 11 anos também, entrando na quinta série, passava a ter aulas das tão desejadas “Ciências”. No barracão nos fundos da casa, construí meu próprio laboratório com uma bancada de trabalho e várias substâncias químicas e vidrarias que comprava em lojas especializadas. A química era minha ciência predileta. A tabela periódica era a tábula de elementos que, manipulados, recriariam o mundo. Minha atividade predileta era buscar, nos livros de química da enorme biblioteca do meu avô, novas fórmulas cujas reações pudessem ser reproduzidas no meu laboratório. Assim reagiam ácidos e bases e formavam, cada vez mais, novos sais que enriqueciam o laboratório e aumentavam meu acervo de substâncias químicas inorgânicas.

Uma enchente em 1979 destruiu quase tudo, mas sobraram alguns vidros. Fui morar na casa dos meus avós e dormia no mesmo quarto que meu tio. Lá encontrei revistas de músicas cifradas para violão. Iniciava-se um período em que a atividade principal passou a ser desvendar o enigma das cifras e partituras musicais. Com a música clássica e as aulas de piano, descobria a leitura das partituras musicais; com a música popular brasileira, seus poemas, canções e as cifras para violão.

Quando ingressei no curso técnico de Química, em quatro anos de uma excelente formação, o laboratório não era mais minha bancada infantil dos fundos de casa, mas um verdadeiro e extremamente bem montado laboratório que tinha sido doado pelo governo holandês para a criação, no Vale do Aço, região onde morava, da então Universidade do Trabalho. Nesses quatro anos, aprofundei conhecimentos da química inorgânica, descobri o novo e fascinante mundo da química orgânica e muito mais. Li: Wilhelm Reich, Marx, Freud, tive as minhas primeiras aulas de filosofia, li o banquete de Platão e alguns autores de literaturas mais libertárias.

Nessa época também, a atividade musical com o violão me permitia romper um pouco a inibição e fazer amigos, cantar com eles, descobrir novos sons e poemas.

No último ano do curso técnico, tive minha primeira experiência de trabalho formal: foi em um centro de pesquisas da então Acesita Energética. Lá trabalhava, como estagiário, em um laboratório de pesquisa de beneficiamento do alcatrão: um condensado da fumaça da queima do eucalipto na produção do carvão. A rotina era intensa. Acordava às 5h30 da manhã, preparava a marmita, saía de casa às 6h15 para esperar a carona. Começava no trabalho às 7h e saía às 17h, passava em casa para um banho e tinha aula das 18h40 às 23h. Tudo isso durante o 4º ano do curso técnico. No final do estágio, entreguei um relatório de quase 100 páginas datilografadas sobre as conclusões das pesquisas realizadas. Senti orgulho dessa escrita. Mas o mais forte da vivência ali foi ter experimentado a vida operária e visto de perto o trabalho dos carvoeiros. O desejo pela química estava abalado. Por um lado, o enigma de suas fórmulas já não acenava como resposta às minhas questões, por outro, eu tinha experimentado o que era trabalhar dentro da estrutura de uma grande empresa e saí com uma certeza: isso eu não queria.

Por falta de opção no Vale do Aço, cursei dois semestres de Administração de Empresas. Pensei em fazer Filosofia, Sociologia, e acabei decidindo pela Psicologia.

Haveria uma escrita de algo que só nesse domínio seria possível encontrar uma forma de ler. Durante a graduação, fiz todas as matérias possíveis relacionadas à psicanálise e iniciei minha análise. Depois de formado, me dediquei a duas atividades: ao consultório e à pesquisa acadêmica. Três anos depois, tentei a seleção para o mestrado: não fui bem na prova de língua estrangeira. Foram tempos difíceis, sobretudo porque a formação em psicanálise (análise, supervisão e estudos) era dispendiosa e os proventos muito pequenos. Resolvi romper com tudo e me mudar para a Inglaterra para estudar inglês.

Ao retornar da Inglaterra, por uma questão de sobrevivência, comecei a prestar serviços de psicologia para empresas. O retorno financeiro era infinitamente melhor e mais rápido do que tinha sido com a clínica. Investi nisso fazendo uma pós-graduação em Gestão de Pessoas e um mestrado em Psicologia Social. Todo esse percurso foi crucial para a construção de uma (ex)posição em relação a uma histórica inibição. Tornei-me professor de Psicologia do Trabalho e de Saúde Mental e Trabalho. Comecei a desenvolver pesquisas e orientar estágios na área. Retomei a atividade clínica, mas agora dentro de um sindicato e como professor. Voltei-me para as questões da relação entre trabalho e subjetividade, e, só agora, talvez eu possa precisar: voltei-me para os enigmas das inscrições das atividades no corpo-si e suas possibilidades de escrita.

A TESE: OS ENIGMAS DOS USOS DE SI E DO SABER FAZER COM O SINTOMA NO TRABALHO

A ideia da tese foi fazer dialogarem psicanálise e ergologia sobre as questões que a atenção às demandas do mal-estar no trabalho suscita. A questão central que norteou esse diálogo foi: como a prática psicanalítica sobre o sintoma e a *démarche* ergológica sobre uso de si nas situações sociais de trabalho podem contribuir na compreensão do nexos causal e na promoção do saber fazer com o sintoma produzido com o trabalho?

Nascida da minha experiência clínica e docente, tal questão buscou resgatar, no discurso mesmo sobre o mal-estar no trabalho, um saber que não reproduzisse a vitimização e a universalização das explicações causais da relação entre trabalho e saúde mental. É neste ponto, o da relação entre trabalho e saúde, que começa o diálogo entre ergologia e psicanálise. As noções de “uso de si” e “sintoma”, tais como desenvolvidas em cada uma das abordagens, foram escolhidas por permitir preservar a singularidade das respostas dos sujeitos frente aos constrangimentos da organização do trabalho sem reduzi-las a uma simples passividade. Há sempre atividade, e tanto a ergologia quanto a psicanálise ajudam a trazê-la à tona.

A ergologia ensina a tomar o trabalho como um “uso de si”, essa “atividade” que sempre põe em debate as dimensões dos saberes e dos valores, nas renormalizações contínuas próprias da atividade da vida. O ergológico guarda sempre sua relação com o epistêmico e o axiológico. Saberes e valores se coadunam e se transformam nas dramáticas sempre renovadas em cada atividade que o humano realiza. É por isso que pôr em debate normas e valores é exercer a atividade ergológica de promoção e produção da própria vida. Naquilo que concerne à tese, podemos então pensar: se há um saber no sintoma, como a psicanálise nos demonstra, e se

há sintoma que se articula ao trabalho, há um saber articulando trabalho e sintoma que, se lido com a ergologia como um debate de normas e valores, pode nos ajudar na promoção de um saber fazer com o sintoma e o trabalho.

O saber que a ergologia, assim como a psicanálise, busca reconhecer e promover é um saber se instruir pela singularidade, atividade que somente uma prática clínica possibilita. Na ergologia, esse saber, como Schwartz (2011, p. 64) nos ensina, provém das lições dos “três médicos atípicos” (Canguilhem, Oddone e Wisner) e foi integralmente absorvida em seu conceito de atividade. Atividade que está sempre presente, já que é vital (CANGUILHEM, 2005, 2009, 2012), portadora de invenções singulares, coletivas e historicamente constituídas (ODONNE *et al*, 1986; ODONNE; RE; BRIANTE, 1986), que inclui sempre a dimensão do trabalho real frente ao prescrito (WISNER, 1987).

Por outro lado, a psicanálise lacaniana soube apreender dos ensinamentos, tanto de Freud quanto de Marx, que, se há sintoma, ele é o “signo de alguma coisa que não vai bem no real” (LACAN, s/d, p.7). A civilização e o mercado impõem um gozo que, como todo gozo, implica sempre uma falta e uma renúncia. Decifrar o gozo do sintoma, como signo dessa falta sob uma lógica do significante é a atividade que analisando e analista realizam juntos, trabalhando tanto sobre o sentido quanto sobre a referência do sintoma (GOMES JÚNIOR, 2013).

Se colocamos a problemática da causalidade no centro da discussão é porque acreditamos que pensar os usos de si com o sintoma impõe uma visão crítica sobre toda causalidade direta e destrutiva entre organização do trabalho e saúde. Nossa tentativa é de buscar recuperar nesse discurso a dimensão do uso de si por si e, claro, sem perder de vista às formas abusivas que a organização do trabalho pode tomar, mas localizando as saídas do lado do sujeito, de suas invenções, de seu saber fazer com isso que não vai bem.

É nesse sentido que a noção de causalidade psíquica foi na tese requerida. Ela não é jamais redutível a uma causalidade psicológica, social ou orgânica, já que inclui pensar tanto o corpo quanto as determinações simbólicas da estrutura da linguagem e suas expressões fantasmáticas. Lacan demonstra que o enodamento entre real, simbólico e imaginário é sempre em parte singular e em parte reconhecível nas estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão). Saber reconhecê-los na fala do sujeito em análise faz parte do trabalho do analista e orienta a compreensão do que está em jogo na condução da clínica psicanalítica.

OS CAMINHOS DA ESCRITA DA TESE

Em nossa tese, para desenvolver o acima descrito, num primeiro capítulo começamos com uma discussão sobre o sofrimento no trabalho e a necessidade do estabelecimento do nexos causal do adoecimento com o trabalho, suas ações decorrentes e os problemas que a questão encontra no campo da saúde mental. Buscamos localizar brevemente a discussão em torno da causalidade psíquica, social e orgânica, problematizando a questão da causalidade no campo da saúde e, especificamente, da saúde mental. O segundo passo foi apresentar um caso clínico já clássico da literatura da psicopatologia do trabalho no Brasil, onde o nexos causal com o trabalho é posto em questão. Duas versões do mesmo caso, uma

intitulada “Aprisionado pelos ponteiros de um relógio: o caso de um transtorno mental desencadeado no trabalho” (LIMA; ASSUNÇÃO; FRANCISCO, 2002) e a outra, “O homem do relógio” (CARVALHO; MACEDO, 2007) foram contrastadas e problematizadas em suas divergências, o que nos permitiu localizar um importante ponto de investigação para a prática “psi” no campo do trabalho: o impasse entre tomar o sintoma como “disfunção” ou como um “modo de funcionamento”.

Na sequência, em nosso segundo capítulo, tomando a relação entre trabalho e sintomas psíquicos, ressaltamos como as noções de “sintoma” e “mal-estar” podem contribuir nesse domínio. Partindo da noção de sintoma em psicanálise, percorremos construções teóricas freudianas e lacanianas que apresentam deslocamentos na conceituação do termo. Mostramos como o conceito de sintoma vai se distanciando da ideia de disfuncionamento para uma compreensão de que ele se liga a uma função, a um modo de funcionamento.

Vários textos de Freud, Lacan e Miller, entre outros, foram requeridos, ora como forma de introduzir novas noções em torno do sintoma, ora como maneira de embasar, sustentar ou explicar a argumentação de que o sintoma tem uma função. Assim, por exemplo, destacamos a importância da noção de pulsão para a psicanálise e a exigência de trabalho que ela impõe ao sujeito. Alguns textos de Freud permitem apresentar o conceito de pulsão e suas vicissitudes. Além disso, buscamos contribuições da leitura pós-freudiana sobre a pulsão de morte.

Perpassamos também alguns pontos da noção de mal-estar de Freud a Lacan, buscando demonstrar sua relação com o sintoma, assim como a impossibilidade de sua eliminação e a necessidade de um saber fazer com ele. Apresentamos uma breve articulação entre o sintoma social e do indivíduo, buscando destacar o curável e o incurável do sintoma na perspectiva psicanalítica. O texto freudiano de 1930, “O mal-estar na civilização”, nos serviu de base nesse percurso. Em Lacan, buscamos alguns avanços na leitura do mal-estar de sua época, bem como análises de leitores de Freud e Lacan sobre o mal-estar na contemporaneidade.

O passo seguinte foi o de tentar apontar como o corpo é tomado como causa contingente dos sintomas. Buscamos argumentar que, mesmo que a estrutura da linguagem se imponha na formação dos sintomas, ela não responde por todas as dimensões de sua causalidade. Há, na teoria lacaniana, um rompimento com uma lógica estruturalista de sobredeterminação da linguagem, a partir da noção de gozo como gozo do corpo, que provoca uma indefinição na própria noção de causa. Defendemos que é reafirmando essa abertura para uma causalidade não determinista que a experiência e a ética da psicanálise podem contribuir para a compreensão dos nexos causais entre adoecimento psíquico e trabalho.

Neste ponto da investigação, buscamos levantar algumas questões sobre uma prática ergológica no campo “psi”. Entre tais questões, uma se destaca: se, para a psicanálise, o desejo faz-se lei, norma irrevogável que as formações do inconsciente conduzem ao reconhecimento, por exemplo, no sintoma, que destino é reservado na ergologia ao sintoma e ao desejo que ele porta?

Trazendo então a ergologia, apresentamos a noção de uso de si e sua articulação com outros conceitos na *démarche* ergológica. Partimos do primeiro texto de Schwartz em que esse conceito é cunhado e apresentado. Localizamos sua gênese,

a problemática à qual ele se dirige e a justificativa para seu uso. Em seguida, o intuito foi explicitar o motivo de o termo “uso de si”, com o avanço da démarche ergológica, ser empregado como “dramáticas do uso do corpo-si”. Na sequência, uma série de noções, como atividade, linguagem, conceito, vida, valores e normas, é apresentada como articulada na trama conceitual que é própria à ergologia para a apreensão do trabalho enquanto atividade. A partir de então, buscamos compreender o que haveria de clínico nessa abordagem. Alguns indícios foram achados nas raízes teóricas da ergologia, o que permitiu uma breve entrada em trabalhos de Canguilhem, Wisner e Odonne, em que Schwartz encontra o eixo de pensamento que sustenta sua proposta clínica. Outros textos ergológicos foram requeridos para pensar o estatuto dos conceitos psicanalíticos dentro do quadro classificatório das epistemicidades de Yves Schwartz. Procuramos, assim, ensaiar algumas aproximações entre ergologia e psicanálise, a partir de questões próprias ao campo da psicopatologia do trabalho.

A proposta seguinte foi problematizar tais teorizações e trazer ao debate os recursos da ergologia e da psicanálise a partir de um caso clínico de uma teleatendente. Interessou-nos, ali, discutir tanto o estabelecimento do nexos causal dos sintomas apresentados com o trabalho quanto realizar uma análise mais acurada do próprio trabalho como necessário ao estabelecimento do nexos casual e possíveis orientações de intervenções. No caso clínico em questão, a orientação psicanalítica permitiu pensar tal nexos entre adoecimento e trabalho, buscando construir hipóteses sobre o sentido e a referência do sintoma apresentado. Buscamos também, nas normas antecedentes do trabalho de teleatendimento, demonstrar as contribuições da ergologia na compreensão do Outro do trabalho nesse setor e, nas renormalizações aí empreendidas, as soluções encontradas pelos sujeitos, que tanto podem protegê-los do adoecimento, quanto expô-los ainda mais a seu risco. Na sequência, tentamos retirar, da experiência do caso clínico, elementos que permitissem realizar um dos objetivos específicos da investigação: contribuir com o desenvolvimento de um dispositivo clínico de pesquisa e intervenção com trabalhadores com queixas de sofrimento mental a partir das orientações teóricas da ergologia e da psicanálise. O esforço foi de alinhar e sintetizar as contribuições e retirar dessa experiência orientações para a prática da psicanálise no campo do trabalho sob dois eixos: na escuta clínica de caso a caso, com o estabelecimento dos nexos causais entre adoecimento psíquico e trabalho; e na tentativa de pensar o lugar da psicanálise num dispositivo ergológico para a promoção do saber fazer com o trabalho e o sintoma.

A intenção ao final, entrando propriamente na defesa da tese, foi a de aprofundar a relação entre as noções de uso de si e de sintoma, tencionando esses conceitos naquilo que se diferenciam e se aproximam para a apreensão da subjetividade. Buscamos por em evidência o trabalho que o sintoma exige, no sentido ergológico, como uso de si. Se o sintoma pode ser pensado como atividade, com a psicanálise ele expressa o trabalho do negativo com a pulsão de morte, que produz um saber, mesmo que seja um saber desconhecer, mas que é, com frequência, um saber fazer. Nosso argumento é que a noção de saber fazer com o sintoma, tal como elaborada por Lacan, pode trazer algo de novo no campo do trabalho se tomada em um sentido ordinário.

O sintoma, como linguagem, demonstra ao mesmo tempo a capacidade de restituição da vida e seu fracasso pelo que nele há de mortífero. Seu caráter patológico, como falseamento da realização do desejo, se exprime pela alienação

do sujeito em relação ao seu objeto e pelo fracasso de sua subjetivação. O trabalho psíquico de elaboração entre linguagem e desejo, empreendido no percurso de uma análise, visa a recriar a relação do sujeito com o objeto de seu desejo, o que implica sempre novos usos de si. Se a fórmula lacaniana localiza esse objeto como “objeto a”, é para indicá-lo como aquilo que localiza a falta, determina o desejo e produz o gozo. A estratégia psicanalítica, que implica um modo de ação sobre o sintoma que possibilite um uso de si por si, como um *savoir y faire*, inclui: trabalho, astúcia e engenho do uso do objeto; coragem e perseverança no reconhecimento dos desejos; potência discursiva para reconstruir as dramáticas de uma história singular.

A demanda do sintoma, mais ou menos inarticulada, veicula o reconhecimento do sofrimento e nomeia o mal-estar, recobrando-o de significação e satisfação. O analista age sobre a plasticidade do sintoma que escuta na demanda encarnada na transferência.

Essas foram algumas das dimensões da prática “psi” localizadas como fundamentais para a lida com o sofrimento, o mal-estar e o sintoma no campo do trabalho. Mas não menos importantes são as dimensões de uma prática ergológica no campo “psi”. Elas conduzem a um tensionamento das noções de sintoma, mal-estar e pulsão, quando lidos pela noção de atividade. Aí também há debates de normas. São as normas e os valores da civilização que sempre antecedem as atividades humanas, mas que jamais as determinam totalmente. A atividade do vivente é sempre a instauração de normas particulares, renormalizações frente ao mal-estar do invivível de ser puro objeto das normas do meio. Esse é o modo de existência do vivente humano, seu modo de uso, de gozo, por si e pelo Outro.

A psicanálise permite compreender que é a dimensão do desejo mais genuíno do sujeito que o singulariza, uma vez que a lei é a do desejo, norma irrevogável que apreendemos das formações do inconsciente e que pauta os valores e a ética da psicanálise. Com a ergologia e a psicanálise, é possível afirmar: sofrimento, sintoma e mal-estar são renormalizáveis no campo do desejo. É o que ensinam Schwartz (1998) e Canguilhem (2012).

O fato de considerar como um obstáculo o que talvez acabe ulteriormente por revelar-se como um meio de ação procede, em definitivo, da ideia, da representação que o homem - é claro, do homem em sentido coletivo - faz de suas possibilidades, de suas necessidades, numa palavra, decorre do fato de ele representá-lo para si mesmo, como desejável e isso não se separa do conjunto de seus valores (CANGUILHEM, 2012, p. 153).

O que está aí em jogo é saber fazer com os obstáculos, pois o meio propõe, mas nunca impõe uma solução (CANGUILHEM citado por SCHWARTZ, 1998): saber fazer com as normas antecedentes que o meio propõe pelas renormalizações que o uso de si opera, seguindo a singularidade do desejo. Mesmo frente ao maior obstáculo à vida, que é a morte, o desejo está presente, o que, com Freud (1976, p. 56-57), compreendemos: a vida só quer morrer, mas à sua maneira. A atividade da vida, em sua exigência de trabalho para atingir seu objetivo de satisfação, tendo seu objeto como sempre variável, inadequado e insatisfatório, deixa um resto, uma perda, uma falta, podendo mesmo conduzir a vida ao pior. Mesmo no pior, contudo, o corpo-si, substância enigmática que é “matriz” da atividade humana (SCHWARTZ, 2000, p. 664), realiza suas renormalizações.

CONCLUSÃO

A opção de aqui expor a história de atividades que conduziram a uma pesquisa do doutorado é tanto mais para destacar que tal encadeamento, enquanto uso da linguagem e do corpo-si, deve estar disjunto de qualquer causalidade psicológica ou determinismos que permitam uma genealogia. Não se trata de ao final dizer: “então foi por isso”, mas muito mais: eis o que se quer nisso que se faz de si com a língua. O vivido pode sempre ser ressignificado, reordenado e isso é crucial nas renormalizações.

Uma história, como nos diz La Sagna (2006, p. 53), “é também uma seriação de acontecimentos disparatados que não constituem necessariamente um sentido”. O que talvez tenhamos conseguido fazer é dar à história um tratamento. Como nos define La Sagna (2006, p. 53): “Um tratamento é uma série de acontecimentos de saber e de corpo para um ‘falasser’²”.

Desenvolvi, ao longo de minha existência, três atividades que são distintas, mas podem ser seriadas como “três escritas enigmáticas”: a química, a música e a psicanálise. Tentava, com cada uma, a meu modo, lidar com os sintomas de minha inibição. Cada uma, em seu tempo, produziu seus efeitos.

Hoje, passado algum tempo da defesa da tese, e fazendo o esforço de localizar o uso de si na atividade dessa pesquisa, vejo que o enigmático do trabalho da pulsão e o enigmático do trabalho com a pulsão dirigida para um trabalho se encontraram nessa atividade de pesquisa. Nela, o uso de si busca forjar uma (ex)posição do sintoma.

Mas hoje penso também que é a própria atividade da escrita – que começou com o relatório final do estágio do curso técnico de química e seguiu com vários trabalhos de escrita entorno do mestrado e as experiências de trabalho que daí decorreram – que me permitiram outro uso do meu sintoma. Mais por si, menos pelo Outro imaginário que sustentava a inibição frente ao enigma, tudo isso acompanhado de anos de trabalho de análise. Tais atividades estruturaram um discurso que me sustenta; uma prática que me ocupa.

De um ponto de vista ergológico podemos pensar que a atividade de escrita é sempre um esforço de renormalização, uma tentativa de não sucumbir ao que já vem pré-escrito ou que vem se inscrevendo; certa reinscrição de si com a norma da língua. Na escrita, é a atividade do real que se impõe sobre qualquer prescrição. Nela, é o desejo mais genuíno do sujeito que ganha expressão e afeta o corpo-si. “O essencial é restituir a forma pela qual o sujeito escapa sempre, a seu jeito, de ser objetivado – e a atividade, é isso que ela nos diz!” (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007, p. 199).

REFERÊNCIAS

- CANGUILHEM, Georges. **Escritos sobre a medicina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____. **O conhecimento da vida**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

² Em francês: *parlêtre*. Neologismo criado por Lacan designando o ser como falante e falado.

CARVALHO, Maria Bernadete; MACEDO, Luciola F. O Homem do Relógio. **Revista Curinga**, Belo Horizonte, v. 1, p. 55-59, 2007.

FREUD, Sigmund. **Além dos princípios do prazer** (1920). In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII, p. 17-85.

GOMES JÚNIOR, A. B. O uso de si e o saber fazer com o sintoma no trabalho. 2013. 213 p. Tese (Doutorado em Educação/Filosofia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto de Ergologia, Aix-Marseille Université, Belo Horizonte, 2013.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 22: R.S.I. [1974-1975]. In: LACAN, Jacques. **Obras completas**. Buenos Aires: Psikolibro, s/d. (1 CD Rom).

LA SAGNA, Phillipe. Histórias de saídas ou saídas da história? **Opção Lacaniana**, São Paulo, v. 47, p. 53-56, 2006.

LIMA, Maria Elizabeth A.; ASSUNÇÃO, Ada; FRANCISCO, João Manuel. Aprisionado pelos ponteiros de um relógio: o caso de um transtorno mental desencadeado no trabalho. In: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderlei (Ed.). **Saúde mental e trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 209-246.

ODDONE, Ivar *et al.* **Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde**. São Paulo: Hucitec, 1986.

ODDONE, Ivar; RE, Alessandra; BRIANTE, Gianni. **Redécouvrir l'expérience ouvrière**. Paris: Editions Sociales, 1981.

SCHWARTZ, Yves. Ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 65, p.101-139, 1998.

_____. **Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe**. Paris: Octares, 2000.

_____. Qual sujeito para qual experiência? **Revista Tempus**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 55-67, 2011.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Orgs.). **Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: EdUFF, 2007.

WISNER, Alain. **Por dentro do trabalho: ergonomia: método & técnica**. São Paulo: FTD/Oboré, 1987.

Data da submissão: 13/01/2016

Data da aprovação: 13/02/2016